

Mais de 100 milhões de livros vendidos

NICHOLAS SPARKS

A  
ESCOLHA

DEIXE SEU CORAÇÃO DECIDIR



ARQUEIRO



## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

*Para a família Lewis: Bob, Debbie, Cody e Cole.  
Minha família.*

# Prólogo



*Fevereiro de 2007*

**H**istórias são tão singulares quanto as pessoas que as contam, e as melhores sempre têm um final surpreendente. Pelo menos era como Travis Parker se lembrava das histórias contadas pelo pai quando era criança. Ele costumava se sentar ao seu lado na cama, a boca esboçando um sorriso enquanto sua versão infantil implorava por mais uma aventura.

– Que tipo de história você quer? – perguntava o pai.

– A melhor de todas – respondia Travis.

O pai ficava em silêncio por alguns segundos, mas seus olhos se iluminavam. Então abraçava o filho pelos ombros e, num tom de voz perfeito, contava uma trama que costumava mantê-lo acordado até muito depois de o pai ter apagado as luzes. Sempre havia perigo e empolgação, e toda jornada se iniciava nos arredores da pequena cidade costeira de Beaufort, na Carolina do Norte, lugar onde fora criado e que ainda via como lar.

Curiosamente, quase sempre incluía ursos. Ursos-cinzentos, ursos-pardos, ursos-de-kodiak... O pai não era muito fiel à realidade em relação ao habitat deles. Concentrava-se nas arrepiantes cenas de caçada pelas planícies costeiras, provocando no menino estranhos pesadelos em que ursos-polares enlouquecidos o perseguiram à beira-mar.

– E o que aconteceu depois? – perguntava o pequeno Travis.

Para ele, aqueles momentos pareciam vestígios de outra época. Agora, com 43 anos, parava o carro no estacionamento do Hospital Geral de Carteret, onde sua esposa trabalhara nos últimos dez anos, e recordava mais uma vez as palavras que dizia ao pai.

Saiu do carro e pegou as flores que havia trazido. A esposa e ele tinham discutido feio na última vez que conversaram e, mais do que qualquer coisa, Travis desejava remediar a situação. Não esperava, entretanto, que as flores melhorassem o que havia entre eles.

Sentia culpa pelo que tinha acontecido, mas os amigos garantiam que

culpa era a pedra angular de todo bom casamento. Isso mostrava que ainda havia cumplicidade, algo que ele valorizava. Em outros tempos, eram os amigos casados que costumavam desabafar com Travis.

“Todo mundo comete erros”, diziam eles agora.

Embora concordasse, sabia que nunca entenderiam pelo que ele estava passando. Não poderiam. Afinal, suas esposas continuavam dormindo ao lado deles todas as noites; nenhum deles havia se separado por três meses nem tinha dúvidas se o casamento voltaria a ser o que era antes.

Enquanto atravessava o estacionamento, pensava nas filhas, no emprego e na esposa. Nada o consolava. Sentia que fracassava em todas as áreas de sua vida. Ultimamente, a felicidade parecia algo distante e inalcançável, como uma viagem espacial. Mas nem sempre fora assim. As coisas mudam. As pessoas mudam.

Mudança era uma das inevitáveis leis da natureza, que cobrava o seu preço na vida das pessoas. Erros eram cometidos, ressentimentos se acumulavam e tudo o que restava eram repercussões que tornavam algo simples, como se levantar da cama, quase penoso.

Ele se aproximou da porta do hospital, imaginando-se como a criança que já fora, ouvindo as histórias do pai. Sua própria vida tinha sido a melhor história de todas, do tipo que deveria ter um final feliz. Quando estendeu a mão para abrir a porta, no entanto, sentiu a inquietação familiar das lembranças e do remorso.

Só mais tarde, quando as memórias o sobrepujaram, Travis se permitiu refletir sobre o que ia acontecer em seguida.

# PARTE UM



# 1



*Maio de 1996*

– **P**or que eu concordei em ajudar você com isso?

Gemendo e com o rosto vermelho, Matt continuou empurrando a banheira na direção do quadrado recém-recortado do outro lado do deque. Os pés escorregavam e ele sentia as gotas de suor correndo da testa para o canto dos olhos, fazendo-os arder. Era início de maio, mas fazia muito calor. Até Moby, o bóxer puro-sangue de Travis, se protegia à sombra, arfando, com a língua pendurada.

Travis Parker, que também empurrava a enorme caixa, deu de ombros. – Porque você achou que ia ser divertido – respondeu.

A banheira, que devia pesar uns 200 quilos, avançou apenas alguns centímetros. Nesse ritmo, estaria no lugar certo... na próxima semana.

– Isso é ridículo – disse Matt, apoiando-se na caixa e considerando a ideia de arranjar um burro de carga.

A dor nas costas era imensa. Por um momento, imaginou seus ouvidos explodindo por conta do esforço, disparando foguetes em várias direções, como nos desenhos a que Travis e ele costumavam assistir quando eram crianças.

– Você já disse isso.

– Isso não é nada divertido – grunhiu Matt.

– Você também já falou isso.

– E não vai ser fácil de instalar.

– Claro que vai – rebateu Travis. Apontou para o que estava escrito na caixa. – Está vendo? “Fácil instalação.”

Sob a sombra da árvore, Moby concordou com um latido e Travis sorriu, parecendo contente consigo mesmo.

Matt fez uma careta, tentando recuperar o fôlego. Ele odiava aquela expressão. Bem, nem sempre. Na maior parte do tempo gostava do entusiasmo juvenil do amigo, mas não naquele dia. Definitivamente.

Matt pegou um lenço no bolso de trás, ensopado de suor. Enxugou o rosto da melhor maneira que pôde e torceu o pano num movimento rápido. O suor pingou no seu sapato de malha. Olhou para baixo quase hipnotizado, ao sentir o líquido penetrar no tecido leve, conferindo uma agradável e pegajosa sensação aos dedos do pé.

– Você não tinha dito que Joe e Laird iam nos ajudar nesse seu “projeto”? E que Megan e Allison iriam preparar hambúrgueres enquanto beberíamos cerveja? E que... hã... instalar esta coisa ia demorar no máximo duas horas?

– Eles ainda vêm – respondeu Travis.

– Você disse isso há quatro horas.

– Eles estão um pouco atrasados.

– Tem certeza de que os convidou?

– Claro que sim. E vão trazer os filhos também. Garanto.

– Quando?

– Logo mais.

– Sei – respondeu Matt, enfiando o lenço no bolso. – Vamos supor que eles não venham. Como vamos colocar essa coisa no lugar?

Travis descartou o problema com um gesto e voltou a encarar a caixa.

– Daremos um jeito. Pense no que fizemos até agora. Já estamos quase no meio do caminho.

Matt fez outra careta. Era sábado. Um dia de folga e diversão, a chance de escapar do trabalho, um descanso que ele *merecia* depois da longa semana de trabalho no banco. Por Deus, ele era um corretor de empréstimos! Estava acostumado a mexer com documentos, não com hidráulica. Podia estar assistindo ao jogo dos Braves contra os Dodgers! Podia estar jogando golfe! Podia estar na praia! Podia ter dormido com Liz até mais tarde e ido para a casa dos pais dela, como acontecia quase todos os sábados, em vez de acordar tão cedo para realizar um trabalho braçal durante oito horas naquele calor dos infernos...

Parou por um segundo. A quem ele estava enganando? Se não estivesse ali, teria que passar o dia com os pais de Liz. E, na verdade, tinha sido para evitá-los que concordara com o pedido de Travis. Mas a questão não era essa. A questão era que ele não precisava disso. Realmente não precisava.

– Eu não preciso fazer isso – falou em voz alta.

Travis pareceu não ouvir. Já estava com as mãos na caixa, colocando-se em posição para empurrar a banheira.



– Está pronto?

Matt relaxou os ombros, amargurado. Suas pernas tremiam. Tremiam! Sabia que teria que tomar duas doses de analgésico na manhã seguinte. Ao contrário de Travis, ele não frequentava a academia quatro vezes por semana, nem corria ou jogava frescobol, nem mergulhava em Aruba, surfava em Bali, esquiava em Vail ou qualquer outra coisa que o amigo fazia.

– Isso não é nada divertido, sabia?

Travis deu uma piscadela.

– Você já disse isso, lembra?



– Uau! – comentou Joe, erguendo a sobrancelha enquanto andava em volta da banheira de hidromassagem.

Aquela altura, o sol começava a se pôr, linhas douradas refletindo na baía. Ao longe, uma garça saiu das árvores e deslizou graciosamente pela superfície, dispersando a luz. Joe, Megan, Laird e Allison tinham chegado poucos minutos antes com os filhos a tiracolo, e Travis mostrava a banheira.

– Ficou ótimo! Vocês dois fizeram tudo isso hoje?

– Não foi tão difícil – falou Travis, com uma cerveja na mão. – Acho até que Matt gostou.

Joe olhou para Matt, estirado na espreguiçadeira ao lado do deque, com uma toalha molhada na cabeça.

– Estou vendo.

– É pesada?

– Como um sarcófago egípcio! – grasnou Matt. – Daqueles dourados que só guindastes conseguem erguer!

Joe soltou uma risada.

– As crianças podem entrar?

– Ainda não. Acabei de encher, vai demorar um pouco até que a água fique quente. Mas o sol vai ajudar.

– O sol vai esquentar a água em minutos – resmungou Matt. – Em segundos!

– Dia difícil, Matt?

Matt tirou a toalha da cabeça e fez uma careta para Joe.

– Você não faz ideia. E muito obrigado por ter aparecido na hora certa.

– Travis disse que era para chegar às cinco da tarde. Se soubesse que vocês precisavam de ajuda, teria vindo mais cedo.

Matt ergueu os olhos para Travis bem devagar. Às vezes ele odiava o amigo.

– Como está Tina? – perguntou Travis, mudando de assunto. – Megan está conseguindo dormir?

Megan conversava com Allison na outra ponta do deque, e Joe deu uma olhada na direção dela.

– Um pouco. A tosse da Tina passou e ela voltou a dormir durante a noite, mas às vezes acho que Megan não está preparada para isso. Pelo menos não desde que se tornou mãe. Ela se levanta mesmo sem Tina dar um pio. É como se acordasse com o silêncio.

– Ela é uma boa mãe – disse Travis. – Sempre foi.

Joe virou-se para Matt.

– Onde está a Liz?

– Deve chegar a qualquer momento – respondeu Matt, cuja voz parecia vir da terra dos mortos. – Ela passou o dia com os pais.

– Coitada – comentou Joe.

– Seja educado. Eles são legais.

– Lembro de você dizer que se tivesse que ouvir seu sogro contar mais uma história sobre o câncer na próstata ou ouvir sua sogra falar sobre a demissão do Henry, apesar de não ser culpa dele, você ia querer bater com a cabeça na parede.

Matt se sentou com dificuldade.

– Eu nunca disse isso!

– Disse, sim. – Joe deu uma piscadela quando a mulher de Matt, Liz, entrou na casa com Ben andando na frente. – Mas não se preocupe, não vou dedurá-lo.

Matt lançou um olhar nervoso de Liz para Joe e de volta para Liz, verificando se a esposa tinha ouvido.

– Oi, todo mundo! – disse Liz com um aceno amigável, conduzindo o pequeno Ben pela mão.

Ela caminhou até onde estavam Megan e Allison, enquanto Ben largava a mão da mãe e saía correndo em direção às outras crianças no quintal. Joe viu Matt soltar um suspiro de alívio. Sorriu e baixou o tom de voz.

– Os sogros de Matt... Foi assim que você o convenceu a ajudar?

– Talvez eu tenha mencionado isso.

Joe deu uma risada.

– Do que vocês dois estão falando? – perguntou Matt, desconfiado.

– Nada, não – responderam em uníssono.



Mais tarde, quando o sol já havia se posto, Moby enroscou-se aos pés de Travis. Enquanto ouvia a voz das crianças brincando na hidromassagem, Travis sentiu uma onda de contentamento o envolver.

Era o tipo de noite de que gostava, passando o tempo ao som de risadas e brincadeiras, todos sentados à mesa ao ar livre. Allison estava conversando com Joe; no minuto seguinte, batendo papo com Liz, Laird ou Matt. Sem qualquer vaidade, sem tentar impressionar, sem querer aparecer. Às vezes ele pensava que sua vida parecia um comercial de cerveja.

De vez em quando, uma das mulheres ia ver se as crianças estavam bem ou um dos homens levantava a voz na esperança de acalmá-las e evitar um acidente. Claro que uma das crianças poderia dar um chilique vez ou outra, mas a maioria dos problemas era resolvida com um beijo rápido, um curativo no joelho ou um abraço afetuoso.

Travis olhou ao redor da mesa, satisfeito por seus amigos de infância terem se tornado bons maridos e pais, e por ainda fazer parte da vida deles. Não era sempre que algo assim acontecia. Aos 32 anos, ele sabia que a vida às vezes era um jogo. Já tinha sobrevivido a alguns obstáculos e quedas, mas não era só isso. A vida era imprevisível. Conhecidos de sua infância cresceram, se casaram e se divorciaram, morreram em acidentes de carro, acabaram viciados em drogas ou simplesmente tinham se mudado daquela cidadezinha, seus rostos já esmaecendo na memória.

Quais eram as chances de aqueles quatro, que se conheciam desde o jardim de infância, ainda aproveitarem os fins de semanas juntos, quase três décadas depois? Bem pequenas. Mas, de alguma forma, após passarem por todos os problemas da adolescência, dificuldades com garotas e pressões dos pais, cursarem faculdades diferentes, com objetivos profissionais distintos, todos voltaram para Beaufort. Eram como uma família, mais do que um grupo de amigos, inclusive com piadas internas e experiências compartilhadas que ninguém de fora poderia entender.

E, milagrosamente, as mulheres também se davam bem. Cada uma com

sua carreira e de um canto do país, mas o casamento, a maternidade e as intermináveis fofocas de uma cidadezinha americana eram mais que suficientes para manter conversas regulares ao telefone e todas unidas como irmãs.

Laird fora o primeiro a se casar. Allison e ele se uniram no verão, no mesmo ano em que se formaram na Universidade Wake Forest. Joe e Megan, que se conheceram durante os últimos períodos na Universidade da Carolina do Norte, subiram ao altar um ano depois. Já Matt, que fora estudar em Duke, conheceu Liz em Beaufort. Travis foi padrinho nos três casamentos.

Algumas coisas tinham mudado nos últimos anos, claro, principalmente porque as famílias cresceram. Nem sempre Laird estava disponível para os passeios de bicicleta pelas montanhas, Joe não podia mais esquiar no Colorado e Matt já havia desistido de tentar acompanhá-lo em quase todos os programas. Mas tudo bem. Eles continuavam por perto e Travis ainda conseguia passar a maior parte dos fins de semana com os três, desde que houvesse um pouco de planejamento.

Perdido em seus pensamentos, Travis perdeu o fio da conversa.

– Alguém falou comigo?

– Eu perguntei se ainda tem falado com a Monica – disse Megan, com um tom de voz que fez Travis perceber que estava encrencado.

Todos os seis se interessavam um pouco demais pela vida amorosa dele. O problema com gente casada é que eles acham que todos devem se casar. Assim, as mulheres com quem Travis saía deviam passar por uma avaliação sutil, embora implacável, principalmente por parte de Megan. Ela costumava ser a líder daquele movimento, sempre tentando descobrir o que funcionava com Travis no que dizia respeito às mulheres.

– Recentemente, não – respondeu ele.

– Por que não? Ela é legal.

*E um pouco neurótica também*, pensou Travis. Mas essa não era a questão.

– Ela terminou comigo, lembra?

– E daí? Isso não significa que ela não quer que você ligue.

– Achei que era exatamente isso que “terminar” significava.

Megan, Allison e Liz olharam para Travis como se ele fosse um imbecil. Os maridos, como sempre, pareciam adorar aquilo.

– Vocês estavam brigando, certo?

– E daí?

– Já pensou que ela pode ter terminado com você porque estava chateada?  
– Eu também estava chateado.  
– Por quê?  
– Porque ela queria que eu fizesse terapia.  
– Deixe-me adivinhar: você disse que não precisava de terapia.  
– Eu vou usar saia e fazer luvinhas de crochê para os seus filhos antes de procurar um psicólogo.

Joe e Laird soltaram uma risada, mas Megan ergueu a sobrancelha. Ela, como todos sabiam, assistia ao programa da Oprah todos os dias.

– Você acha que os homens não precisam de terapia?  
– Sei que *eu* não preciso.  
– E de maneira geral?  
– Como não sou um homem genérico, realmente não sei dizer.

Megan recostou-se na cadeira.

– Acho que Monica pode ter descoberto alguma coisa. Se pedisse a minha opinião, eu diria que tem problemas para se comprometer.

– Então não vou perguntar o que acha.

Megan inclinou-se para a frente.

– Quanto tempo durou o relacionamento mais longo que já teve? Dois meses? Quatro?

Travis considerou a pergunta.

– Eu namorei a Olivia por mais de um ano.

– Acho que ela não contou a época do colégio – zombou Laird. Às vezes nem os amigos ajudavam.

– Obrigado, Laird – disse Travis.

– Amigos são para essas coisas.

– Você está mudando de assunto – lembrou Megan.

Travis tamborilou na perna.

– Eu... não lembro.

– Em outras palavras, não durou o suficiente para se lembrar?

– O que você quer que eu diga? Nunca conheci uma mulher que se comparasse a uma de vocês.

Apesar da pressão, Travis notou que Megan tinha gostado do que ele dissera. Havia algum tempo aprendera que elogios eram sua melhor defesa em momentos como aquele, principalmente por serem quase sempre sinceros. Megan, Liz e Allison eram fantásticas. Amorasas, leais e generosas.

- Bem, só para você saber, eu gostava dela – comentou Megan.
- Tudo bem, mas você gosta de todas as minhas namoradas.
- Não gosto, não. Eu não gostava da Leslie.

Nenhuma delas tinha gostado da Leslie. Por outro lado, Matt, Laird e Joe não se opuseram à companhia dela, principalmente quando estava de biquíni. Realmente ela era muito bonita e, embora não fosse do tipo com quem Travis se casaria, eles se divertiram enquanto durou.

- Acho que você deveria ligar para ela – insistiu Megan.

- Vou pensar – falou Travis, sabendo que não faria isso. Levantou-se da mesa, buscando uma rota de fuga. – Alguém quer outra cerveja?

Joe e Laird ergueram as garrafas ao mesmo tempo. Travis andou em direção à geladeira, mas parou perto da porta de correr de vidro da casa. Entrou e trocou o CD, ouvindo a nova música sair para o quintal. Quando retornou com as bebidas, Megan, Allison e Liz já tinham mudado de assunto. O novo tópico era Gwen, a cabeleireira delas. Gwen sempre contava boas histórias, muitas delas relacionadas às predileções ilícitas dos habitantes da cidade.

Travis bebericou a cerveja em silêncio, olhando para o rio.

- No que está pensando? – perguntou Laird.
- Nada importante.
- Mas o que é?

Travis virou-se para ele.

- Você já notou como algumas cores em inglês são usadas para sobrenomes e outras não?

- Do que está falando?

- Como o Sr. White, o dono da loja de pneus. E o professor Green, do terceiro ano. Ou até o professor Black do jogo Detetive. Mas você nunca vê ninguém chamado Sr. Orange ou Sr. Yellow. É como se algumas cores dessem bons nomes, mas outras soassem bobas. Entende o que quero dizer?

- Acho que nunca pensei nisso.

- Nem eu. Quer dizer, não até um minuto atrás. Mas é meio estranho, não é?

- É – concordou Laird.

Os dois ficaram em silêncio por um instante.

- Eu disse que não era importante.
- É, você disse.

- Eu não tinha razão?
- Tinha.



Quando a pequena Josie teve o segundo acesso de birra num intervalo de quinze minutos, Allison pegou-a nos braços e lançou um olhar para Laird, ou seja, era hora de ir embora e pôr as crianças na cama. Laird não discutiu e se levantou. Megan olhou para Joe, Liz acenou para Matt e Travis soube que a noite tinha terminado. Os pais podem acreditar que mandam em tudo, mas são os filhos que dão as cartas no fim das contas.

Ele poderia até ter tentado convencê-los a ficar, mas já tinha se acostumado com o fato de os amigos viverem num ritmo diferente do dele. Além disso, Travis tinha uma leve desconfiança de que Stephanie, sua irmã caçula, viria mais tarde. Chegaria de Chapel Hill, onde fazia doutorado em bioquímica. Apesar de se hospedar na casa dos pais, geralmente ficava eufórica demais por ter dirigido e sentia vontade de conversar. Megan, Joe e Liz se levantaram e começaram a limpar a mesa, mas Travis pediu que parassem.

- Eu cuido disso daqui a pouco. Sem problemas.

Alguns minutos depois, as crianças estavam nos dois utilitários e na minivan. Travis ficou na varanda acenando enquanto os amigos saíam pelo portão.

Quando se foram, ele voltou até o aparelho de som, examinou mais uma vez os CDs e escolheu *Tattoo You*, dos Rolling Stones, aumentando o volume. Pegou outra cerveja e seguiu até a cadeira, pôs os pés em cima da mesa e se recostou. Moby se sentou ao seu lado.

- Só nós dois por enquanto, amigo - falou. - A que horas você acha que Stephanie vai aparecer?

Moby se virou para o outro lado. Se Travis não dissesse as palavras *passar, bola, dar uma volta* ou *vem pegar um osso*, Moby não mostrava muito interesse em conversar.

- Você acha que eu devo ligar para saber se ela já está a caminho?

Moby ficou olhando.

- É, foi o que pensei. Ela vai chegar na hora que for para chegar.

Continuou bebendo sua cerveja e olhando para o rio. Atrás dele, Moby soltou um ganido.

– Você quer pegar uma bola? – perguntou Travis, por fim.  
Moby se levantou tão depressa que quase derrubou a cadeira.



*Música alta*, pensou ela. Parecia ser a gota d'água no que já tinha sido uma das semanas mais infelizes da sua vida. Música alta. Tudo bem, nove horas de um sábado à noite não era tão ruim, ainda mais tendo visitas, e dez horas também não era tão fora do comum. Mas às onze horas? Quando estava sozinho e brincando com o cachorro?

Do fundo do quintal, ela podia vê-lo com o mesmo calção que usara o dia inteiro, os pés na mesa, jogando a bola e olhando para o rio. Em que ele estava pensando?

Talvez não devesse implicar tanto com ele; deveria simplesmente ignorá-lo. Era a casa dele, certo? O rei do castelo, essa coisa toda. Ele podia fazer o que quisesse. Só que havia vizinhos em seus próprios castelos que deveriam ser respeitados. E, verdade seja dita, tinha passado dos limites. Não só por causa da música. Na verdade até gostava da música que ele estava ouvindo e, em geral, não se incomodava com o som. O problema era o cachorro. Mais especificamente, o que o cachorro dele tinha feito com a sua cadela.

Molly estava grávida, ela tinha certeza.

Molly, sua linda e meiga collie puro-sangue de uma linhagem campeã – a primeira coisa que tinha comprado ao concluir sua residência como médica-assistente na Escola de Medicina do Leste da Virgínia –, tinha engordado visivelmente nas duas últimas semanas. Ainda mais alarmante, ela percebeu que os mamilos de Molly estavam crescendo. Conseguia sentir isso sempre que a cadela rolava para que ela fizesse carinho em sua barriga. E também andava mais devagar. Somando tudo, Molly ia dar à luz uma ninhada de cachorrinhos que ninguém no mundo ia querer. Um bóxer e uma collie? Ela fez uma careta ao tentar imaginar como seriam os filhotes.

Só podia ser o cachorro daquele homem. Quando Molly estava no cio, ele praticamente vigiava a casa dela, como um detetive particular, e era o único cão que ela vira rondar a vizinhança nas últimas semanas. Mas será que o vizinho tinha ao menos considerado cercar o quintal? Ou trancar o cachorro dentro de casa? Ou construir um canil? Não. Seu lema parecia



ser “Meu cachorro deve ser livre!”. Isso não a surpreendia. O dono parecia seguir o mesmo exemplo irresponsável. Quando ela saía para o trabalho, via-o correndo; quando voltava, ele estava andando de bicicleta ou de skate, remando ou jogando basquete na frente da casa com um grupo de garotos do bairro.

Um mês atrás, pusera seu barco na água e agora também praticava *wakeboard*. Como se o homem já não tivesse atividades suficientes. Deus o livre de ficar um minuto a mais no emprego, e ela sabia que ele não trabalhava às sextas-feiras. E em que espécie de emprego o sujeito poderia usar calça jeans e camiseta? Ela não fazia ideia, mas desconfiava, com uma satisfação meio cáustica, de que provavelmente um que pagasse mal.

Tudo bem, talvez ela não estivesse sendo justa. Ele devia ser um cara legal. Os amigos dele, que pareciam bem normais e ainda por cima tinham filhos, aparentemente gostavam da companhia dele e estavam sempre lá. Já havia visto alguns deles no consultório quando as crianças pegavam um resfriado ou uma infecção no ouvido. Mas e quanto a Molly? A cadela estava sentada perto da porta dos fundos, batendo o rabo no chão, e Gabby se sentia ansiosa ao pensar no futuro dela. Molly ia ficar bem, mas e os filhotes? O que aconteceria com eles? E se ninguém os quisesse? Não conseguia se imaginar levando a ninhada para um canil ou à Sociedade Americana para a Prevenção da Crueldade contra Animais. Não poderia fazer isso. Não iria fazer isso.

Mas, então, o que ia acontecer com os filhotes?

Era tudo culpa dele, sentado lá no deque com os pés em cima da mesa, comportando-se como se não tivesse nada com que se preocupar.

Não fora o que tinha sonhado quando se mudara, no começo do ano. Embora a casa não ficasse em Morehead City, onde seu namorado vivia, dali eram só alguns minutos para atravessar a ponte. Era uma casa pequena, construída havia quase meio século, e precisava de uma boa reforma para os padrões de Beaufort. Mas a vista do riacho era espetacular, o quintal era grande para Molly correr e o valor era justo. Ela pagava com dificuldade, é verdade, por causa dos empréstimos realizados para pagar os estudos, mas os gerentes do banco eram bem compreensivos com pessoas como ela. Gente profissional, bem-educada.

Diferentes do Sr. Meu Cachorro Deve Ser Livre e Eu Não Trabalho às Sextas.

Respirou fundo, lembrando-se mais uma vez de que o vizinho podia ser um sujeito legal. Sempre acenava ao vê-la chegar do trabalho e tinha deixado na varanda uma cesta de queijos e um vinho para dar as boas-vindas quando ela se mudara para o bairro. Ela prometera a si mesma que enviaria um bilhete de agradecimento, mas acabou que nunca o escreveu.

Fez uma careta ao se lembrar desse detalhe. Tudo bem, ela também não era perfeita, mas a questão não era o bilhete, e sim Molly, o cão errante daquele homem e os filhotes indesejáveis. Agora era um bom momento para discutir a situação. Obviamente ele estava acordado.

Desceu do deque e começou a andar em direção à sebe que separava as casas. Parte dela desejava que Kevin, seu namorado, estivesse ali, mas isso não era possível. Não depois da pequena discussão daquela manhã, que começara quando ela mencionou casualmente que o primo ia se casar. Imerso na seção de esportes do jornal, Kevin ficou calado, preferindo agir como se não tivesse ouvido. Qualquer coisa relacionada a casamento fazia-o cair num silêncio mortal, principalmente nos últimos tempos.

Ele não deveria se surpreender que o assunto surgisse às vezes. Estavam namorando havia quatro anos (um ano a menos que o primo, Gabby se sentira tentada a ressaltar). Mas Kevin não era o problema. Nem o fato de ela ultimamente estar frustrada com a própria vida. Também não era por causa da terrível semana no trabalho, em que haviam vomitado nela *três vezes* só na sexta-feira. Era um recorde para o consultório, pelo menos de acordo com as enfermeiras, que não se preocupavam em esconder os sorrisinhos e se divertiam espalhando a história. Tampouco estava chateada com Adrian Melton, o médico casado que gostava de tocar nela sempre que conversavam. E com certeza não estava furiosa com o fato de que, em todas essas vezes, ela não dissera nada a respeito.

Não, senhor, isso tinha a ver com o “Sr. Festa”, que deveria ser um vizinho responsável e compreender seu dever de encontrar uma solução para o problema deles. E enquanto comunicasse esse fato, talvez ela mencionasse que era um pouco tarde para ouvir música em alto volume (apesar de ela gostar da canção), só para mostrar que estava falando sério.

Gabby saiu com passos firmes, o orvalho umedecendo a ponta dos seus pés nas sandálias e o gramado refletindo a luz da lua em trechos prateados. Tentando imaginar exatamente por onde começar, ela mal notava aquilo.

Ditava a boa educação que ela primeiro batesse à porta da frente, mas ele nunca a ouviria com o som naquela altura. Além do mais, queria resolver aquele assunto enquanto estava decidida e desejava confrontá-lo.

Avistou uma abertura na sebe e seguiu em frente. Provavelmente o mesmo trecho por onde o cachorro tinha passado para se aproveitar da pobre e meiga Molly. Sentiu o coração apertado de novo, mas dessa vez tentou ignorar os sentimentos. Isso era importante. Muito importante.

Concentrada em sua missão, não viu a bola de tênis voar até ela. Mas registrou por alto o barulho de um cachorro correndo, um segundo antes de sofrer um golpe e ser arremessada ao chão.



Deitada de costas e atordoada, Gabby notou que havia estrelas de mais em um céu muito luminoso e fora de foco. Por um momento, perguntou-se por que não conseguia respirar, mas logo ficou mais preocupada com a dor que percorria o seu corpo. Permanecia deitada na grama, latejando de dor a cada vez que piscava.

De algum lugar ao longe, ela ouviu sons desconexos e o mundo lentamente voltou ao normal. Tentou se concentrar e percebeu que ouvia vozes. Ou, melhor, uma voz. Perguntando se ela estava bem.

Ao mesmo tempo, sentiu uma estranha sucessão de bafejos quentes e ritmados, além de um odor desagradável próximo à sua bochecha. Piscou mais uma vez, virou de leve a cabeça e deparou com uma cabeça enorme, quadrada e peluda em cima dela. *Moby*, concluiu ela ainda aturdida.

– Ah... – gemeu, tentando se sentar. Enquanto se levantava, o cachorro lambia seu rosto.

– Moby, senta! – bradou uma voz que se aproximava. – Tudo bem com você? Talvez fosse melhor não se levantar ainda!

– Eu estou bem – respondeu Gabby, finalmente conseguindo se sentar. Respirou fundo algumas vezes, ainda meio zozna.

*Essa doeu*, pensou. No escuro, sentiu algo se agachar ao seu lado, embora mal conseguisse distinguir os contornos.

– Mil desculpas – ouviu a voz dizer.

– O que aconteceu?

– Moby derrubou você sem querer. Ele estava indo pegar a bola.

Ela levou a mão à têmpora.

– Tem certeza de que está bem?

– Tenho – respondeu ela, ainda zonza, mas sentindo a dor se reduzir a um fraco latejar.

Quando começou a se levantar, sentiu a mão do vizinho em seu braço, ajudando-a. Lembrou-se das crianças que atendia no trabalho, tentando manter o equilíbrio para ficar em pé.

– Que recepção, hein? – comentou ele.

A voz do homem ainda parecia distante. Quando o encarou, percebeu que olhava para alguém pelo menos 15 centímetros mais alto que seu 1,70 metro. Não estava acostumada a isso e, ao erguer o rosto, notou suas angulosas maçãs do rosto e a pele clara. O cabelo castanho era ondulado, naturalmente cacheado nas pontas, e os dentes, brancos e brilhantes. De perto, era bonito, e ela suspeitava de que ele sabia disso. Perdida em seus pensamentos, abriu a boca para dizer alguma coisa, mas a fechou de novo, percebendo que tinha esquecido o que ia perguntar.

– Quer dizer, aqui está você, vindo me visitar, e é atropelada pelo meu cachorro – continuou ele. – Como já disse, mil desculpas. Ele costuma prestar mais atenção. Diga oi, Moby.

O cachorro estava sentado nas patas traseiras, todo contente. De repente, ela se lembrou do propósito de sua visita. Ao seu lado, Moby levantou uma pata para cumprimentá-la. Que gracinha – e *era* uma gracinha para um bóxer –, mas ela não ia cair nessa. Aquele era o vira-lata que não apenas a tinha derrubado, como também arruinara a vida de Molly. “Monstro” seria um nome mais apropriado. Ou, melhor ainda, “Tarado”.

– Tem mesmo certeza de que está bem?

A maneira como ele perguntou a fez perceber que aquele não era o confronto que ela desejava, e Gabby tentou recompor a raiva que nutrira no caminho.

– Está tudo bem – respondeu, meio ríspida.

Por um momento constrangedor, os dois ficaram se encarando calados. Por fim, ele apontou por cima do ombro com o polegar.

– Você não quer se sentar um pouco? Estou aqui ouvindo música.

– Por que você acha que eu ia querer sentar no seu deque? – disparou ela, sentindo-se mais sob controle.

Ele hesitou.

– Por que você veio aqui?

Ah, sim, lembrou.

– Quer dizer, também podemos ficar aqui perto da cerca se você preferir – continuou ele.

Gabby ergueu as mãos para silenciá-lo, impaciente para acabar logo com aquilo.

– Eu vim aqui porque queria falar com você...

Parou de falar quando ele deu um tapinha no próprio braço.

– Eu também – disse, antes que ela continuasse. – Você recebeu minha cesta de boas-vindas?

Gabby ouviu um zumbido perto da orelha e o afastou com a mão.

– Recebi. Muito obrigada – respondeu, meio distraída. – Mas o que eu queria falar era...

Interrompeu a frase quando percebeu que ele não estava prestando atenção, e sim abanando o espaço entre eles.

– Não prefere ir até o deque? – insistiu ele. – Os mosquitos são cruéis aqui perto desses arbustos.

– O que eu estava tentando dizer era...

– Tem um no lóbulo da sua orelha – disse ele, apontando.

A mão dela se ergueu instintivamente.

– Na outra orelha.

Ela deu um tapa e viu uma mancha de sangue nos dedos quando olhou a mão. *Que nojo*, pensou.

– Agora tem outro na sua bochecha.

Ela agitou as mãos em meio à crescente nuvem.

– O que está acontecendo?

– São esses arbustos. Esses mosquitos se reproduzem na água e sempre há umidade na sombra...

– Tudo bem. Vamos conversar no deque.

No momento seguinte, os dois se afastavam dos arbustos.

– Eu odeio mosquitos, por isso sempre tenho velas de citronela acesas. Em geral é suficiente para afastá-los. Eles ficam mais atrevidos no fim do verão. – Travis mantinha uma distância entre eles suficiente apenas para não se esbarrarem sem querer. – A propósito, acho que ainda não nos apresentamos formalmente. Eu sou Travis Parker.

Gabby sentiu um lampejo de incerteza. Não estava ali para ser amiga

dele, mas os bons modos prevaleceram e ela respondeu antes de conseguir se conter:

– Sou Gabby Holland.

– Muito prazer.

– É – disse ela, fazendo questão de cruzar os braços. Logo depois levou inconscientemente uma das mãos às costelas, pois continuava sentindo uma leve dor. De lá, a mão foi até a orelha, que já começava a coçar.

Observando o perfil dela, Travis notou que ela estava irritada. A boca mostrava uma tensão e se contraía de um modo que já vira em muitas namoradas. De alguma forma, sabia que a raiva dela era direcionada a ele, embora não soubesse o motivo – além do fato de ter sido derrubada pelo cachorro.

Lembrou-se da irmã mais nova, Stephanie, que costumava mostrar seu ressentimento aos poucos. Era assim que Gabby agia naquele momento. Mas as semelhanças entre as duas terminavam ali. Enquanto Stephanie se tornou uma mulher de beleza óbvia depois de adulta, Gabby também era atraente, mas não exatamente do mesmo jeito. Os olhos azuis eram um pouco separados demais, o nariz um pouquinho grande demais e os cabelos ruivos pareciam sempre difíceis de arrumar, mas de alguma forma aquelas imperfeições conferiam um ar de vulnerabilidade à sua beleza natural que atrairia a maioria dos homens.

Em meio ao silêncio, Gabby tentava organizar os pensamentos.

– Eu vim aqui porque...

– Espere um pouco – interrompeu ele. – Antes de começar, por que não se senta? Eu já volto. – Travis foi até a geladeira, virando-se no meio do caminho. – Quer uma cerveja?

– Não, obrigada – respondeu ela, querendo acabar logo com aquilo.

Recusando-se a sentar, esperou que ele voltasse para confrontá-lo. Mas Travis logo desabou na cadeira e pôs os pés em cima da mesa. Atrapalhada, Gabby continuou de pé. Aquilo não estava funcionando como tinha planejado.

Ele abriu a cerveja e tomou um gole.

– Você não vai se sentar? – perguntou por cima do ombro.

– Eu prefiro continuar de pé, obrigada.

Travis estreitou os olhos e os protegeu com a mão.

– Mas eu mal consigo enxergá-la – falou. – As luzes da varanda estão bem atrás de você.

– Eu vim aqui dizer uma coisa...

– Você pode ir um pouquinho para o lado? – perguntou Travis.

Gabby emitiu um ruído de impaciência e deu alguns passos.

– Está melhor?

– Ainda não.

Àquela altura, ela estava quase ao lado da mesa e fez um gesto exasperado com as mãos.

– Talvez você devesse sentar – sugeriu ele.

– Está bem! – concordou Gabby, puxando uma cadeira. O sujeito estava tornando aquela situação difícil. – Eu vim aqui porque queria falar com você...

Travis ergueu as sobrancelhas.

– Você já disse isso.

– Eu sei! – concordou ela. – Estou tentando falar, mas você não me deixa terminar!

Depois de um segundo, Gabby reiniciou seu discurso, um pouco hesitante no início, como se estivesse com medo de que ele a interrompesse de novo. Travis não o fez e ela pareceu encontrar o ritmo, com as palavras fluindo mais rapidamente. Falou sobre quanto ficou animada com a casa, o lar com que havia sonhado por muito tempo, antes de o assunto se desviar para Molly e como os mamilos dela estavam crescendo.

No começo, Travis não fazia ideia de quem era Molly, o que conferiu àquela parte do monólogo uma característica surreal, mas aos poucos entendeu que era a collie que já tinha visto andando por lá algumas vezes. Depois Gabby começou a falar sobre filhotes feios e, estranhamente, de alguma coisa sobre o “Dr. Mãos em Mim” e que a ânsia de vômito não tinha nada a ver com a forma como se sentia. Sinceramente, tudo aquilo fez pouco sentido até ela começar a gesticular na direção de Moby. Foi o que permitiu que Travis somasse dois mais dois e percebesse que ela acreditava que Moby era responsável pela gravidez de Molly.

Travis queria dizer que Moby não era o culpado, mas ela estava tão embalada que achou melhor deixar que terminasse antes de protestar. Àquela altura, a história já andava em círculos. Partes da vida dela continuavam a surgir, trechos não ensaiados nem relacionados, acompanhados de explosões de raiva aleatórias direcionadas a ele. Devia estar falando havia uns bons vinte minutos, mas não poderia ter demorado tanto tempo. Mesmo

assim, ser acusado por uma estranha sobre seus erros como vizinho não era uma coisa fácil de ouvir, tampouco ele gostava da maneira como ela falava de Moby. Para Travis, ele era o cachorro mais perfeito do mundo.

Às vezes Gabby fazia uma pausa e, nesses momentos, Travis tentava responder. Mas isso também não funcionava, porque ela imediatamente o atropelava. Por isso ele ficou escutando e sentiu uma pontada de desespero, até certa confusão, quanto ao que estava acontecendo na vida dela.

O cachorro, quer ela percebesse ou não, era apenas uma pequena parte do que a incomodava. Travis sentiu uma onda de compaixão e passou a anuir só para indicar que prestava atenção. De vez em quando, Gabby fazia uma pergunta, mas, antes que Travis pudesse expressar alguma palavra, ela respondia por ele.

– Os vizinhos não devem considerar suas ações?

– Sim, obvia...

– É claro que devem! – bradou, e Travis voltou a concordar com a cabeça.

Quando finalmente terminou seu longo discurso, Gabby olhava para o chão, exausta. Apesar de sua boca continuar mantendo aquela mesma linha reta, Travis pensou ter visto lágrimas e ponderou se deveria oferecer um lenço de papel. A caixa de lenços estava dentro da casa, mas os guardanapos se encontravam perto da churrasqueira. Levantou-se depressa, pegou alguns e trouxe para ela. Depois de certa relutância, ela aceitou e enxugou o canto dos olhos. Agora que tinha se acalmado, Travis percebeu que era mais bonita do que havia considerado antes.

Gabby deu um suspiro trêmulo.

– A pergunta é: o que você vai fazer?

Travis hesitou, tentando entender o que ela queria dizer.

– Sobre o quê?

– Sobre os filhotes!

Travis pôde ouvir a raiva fervilhando de novo e ergueu as mãos numa tentativa de acalmá-la.

– Vamos começar do começo: tem certeza de que ela está grávida?

– Claro que tenho! Você ouviu alguma palavra do que eu disse?

– Já foi a um veterinário?

– Eu trabalho numa clínica médica. Passei dois anos e meio numa escola de medicina e outro ano fazendo residência. Eu sei identificar uma gravidez.

– Em pessoas, tenho certeza. Mas com cães é diferente.



– Como você sabe?

– Eu tenho experiência com cães. Aliás, eu...

*Sei...*, pensou Gabby, interrompendo-o com um gesto. *Típico dos homens: teve um cachorro na infância e, por isso, se tornou perito em assuntos caninos.*

– Molly está andando mais devagar, os mamilos parecem inchados e ela se comporta de forma estranha. O que mais pode ser?

– E se ela estiver com uma infecção? Isso poderia causar o inchaço. E se a infecção for mais séria, ela também pode estar sentindo dores, o que explicaria o comportamento estranho.

Gabby abriu a boca para falar, mas percebeu que não tinha pensado nisso. Uma mastite, por exemplo, *poderia* causar um inchaço nos mamilos. Por um instante, sentiu uma onda de alívio. Mas a realidade logo caiu em sua cabeça, como um balde de água fria. Não eram um ou dois mamilos, eram todos. Gabby torceu o guardanapo, desejando que ele *ouvisse* o que estava dizendo.

– Ela está grávida e vai ter filhotes. E você vai ter que me ajudar a encontrar um lar para eles, pois eu não vou levar os bichinhos para um canil.

– Posso garantir que não foi Moby.

– Eu sabia que você ia dizer isso.

– Mas você precisa saber que...

Gabby balançou a cabeça, furiosa. Gravidez era sempre problema da mulher, não é? Ela se levantou da cadeira.

– Você vai ter que assumir alguma responsabilidade nisso. E espero que saiba que não vai ser fácil arranjar uma casa para eles.

– Mas...



– O que foi isso? – perguntou Stephanie.

Gabby tinha desaparecido atrás da sebe. Poucos segundos depois, Travis viu a irmã saindo da casa pela porta de correr de vidro. Continuou sentado à mesa, como se estivesse em choque.

– Há quanto tempo você está aqui?

– Tempo suficiente – respondeu ela. Viu o cooler perto da porta e pegou uma cerveja. – Por um instante achei que a mulher ia bater em você. Depois achei que ia chorar. Depois pareceu que ela queria bater em você e chorar.

– Foi mais ou menos assim – admitiu Travis, esfregando a testa, enquanto tentava processar a cena.

– Você continua encantador com as mulheres, pelo que vejo.

– Ela não é minha namorada. É a vizinha.

– Melhor ainda. – Stephanie se sentou numa cadeira. – Não sabia que tinha esse dom.

– Que dom?

– Gerar ódio instantâneo nas pessoas. É um talento raro. Normalmente é preciso conhecer a pessoa melhor antes.

– Muito engraçado.

– Eu também acho. E Moby... – Virou-se para o cachorro e ergueu um dedo acusador. – Você devia ser mais responsável.

Moby abanou o rabo antes de se levantar e colocar o focinho no colo de Stephanie.

– Calma aí, seu bajulador.

– Não é culpa do Moby.

– Foi o que você disse, mas não era o que ela queria ouvir. Qual é o problema dela?

– Ela estava chateada.

– Deu para notar. Demorou um pouco até eu conseguir entender do que ela estava falando, mas foi divertido.

– Não seja má.

– Eu não sou má. – Stephanie se recostou, observando o irmão. – Ela é bem bonitinha, você não acha?

– Nem notei.

– Aham. Aposto que foi a primeira coisa que você percebeu. Eu vi o jeito como olhava para ela.

– Você está terrível hoje.

– E com razão. A prova que acabei de fazer foi um horror.

– Como assim? Foi mal?

– Não, mas tive que pensar muito para responder algumas questões.

– Que tragédia...

– Ah, é mesmo. E tenho mais três na semana que vem.

– Coitadinha. A vida de eterna estudante é mais difícil do que ganhar a vida de verdade.

– Olha quem está falando. Você ficou na faculdade por mais tempo que

eu. Aliás, o que papai e mamãe vão achar se eu disser que quero ficar mais dois anos para fazer doutorado?

A luz da cozinha da casa de Gabby se acendeu. Distraído, Travis demorou um pouco a responder.

– Acho que vão concordar. Você sabe como eles são.

– Eu sei. Mas ultimamente tenho sentido que eles querem que eu encontre alguém e me assente na vida.

– Bem-vinda ao clube.

– É, mas para você é diferente. Eu sou mulher. Meu relógio biológico não para.

A luz da cozinha da casa ao lado se apagou; segundos depois, o quarto foi iluminado. Travis imaginou se Gabby estava se preparando para dormir.

– Você precisa lembrar que mamãe se casou com 21 anos – continuou Stephanie. – Aos 23 ela já tinha você. – Ficou esperando uma resposta que não veio. – Mas, até aí, olha só como você se deu bem. Talvez eu possa usar isso como argumento.

As palavras dela penetraram devagar e Travis franziu a testa quando as registrou.

– Isso foi um insulto?

– Foi uma tentativa – respondeu a irmã com um sorrisinho. – Só verificando se você estava prestando atenção em mim ou se pensava na sua nova amiga ali.

– Ela não é minha amiga – retrucou ele.

Sabia que estava parecendo na defensiva, mas não podia evitar.

– Ainda não – observou a irmã –, mas tenho um estranho pressentimento de que ela vai ser.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)